

A EXPERIÊNCIA NO CHÃO DA ESCOLA: MOBGRAFIA, UMA NARRATIVA DIGITAL POLÍTICA

THE EXPERIENCE ON THE SCHOOL FLOOR: MOBGRAPHY, A POLITICAL DIGITAL NARRATIVE

Rafaela Chivalski de Oliveira¹

Resumo: Este artigo foi gestado a partir de experiências como professora/artista/pesquisadora de Arte na Educação Básica, inicialmente, em uma escola pública de tempo integral em Campo Grande (MS) e, depois, junto ao Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS), no *Campus* de Jardim (MS). O objetivo central de minhas indagações foi problematizar os discursos imagéticos produzidos, editados e compartilhados, com ênfase na mobgrafia, através de dispositivos móveis como o celular. Baseada em estudiosos como Berger (2017), Borriaud (2009) e Slovenski (2022), entre outros, minha hipótese de trabalho é que a mobgrafia é uma narrativa digital política e inclusiva.

Palavras-Chave: Ensino; Narrativas digitais; Educação Básica; Arte-Educação.

Abstract: This article was developed from experiences as a teacher/artist/researcher of Art in Basic Education, initially in a full-time public school in Campo Grande (MS) and, afterwards, in the Federal Institute of Mato Grosso do Sul (IFMS), in *Campus* Jardim (MS). The main objective of my inquiries was to problematize the imagetic discourses produced, edited and shared, with emphasis on mobgraphy, through mobile devices such as cell phones. Based on scholars such as Berger (2017), Borriaud (2009) and Slovenski (2022), among others, my working hypothesis is that mobgraphy is a political and inclusive digital narrative.

Keywords: Teaching; Digital narratives; Basic Education; Art Education.

Com formação em Artes Visuais pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), atualmente leciono no Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS), Campus de Jardim. As imagens fazem parte de toda a minha trajetória pessoal e acadêmica, tendo início com criações artísticas a partir da

¹ Mestranda em Estudos de Linguagens na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Brasil. Professora do Instituto Federal de Educação de Mato Grosso do Sul – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8694-8032>. E-mail: rafaela.oliveira@ifms.edu.br.

pintura e migrando, quase que naturalmente, para a fotografia com o celular. Tal processo ocorreu espontaneamente, tanto que só percebi tal transição quando comecei a utilizar o *Instagram* para compartilhar minhas fotografias com o celular, feitas em momentos de lazer.



Figura 1 - Uma das primeiras mobgrafias feita pela autora.

Fonte: acervo pessoal da autora, 2013.

No entanto, antes de entender e de aceitar que as fotografias que fazia como lazer poderiam ser utilizadas como matéria de discussão e de aprendizagem nas aulas de Arte, passei por um processo de alguns anos. Era o reflexo inconsciente de um fazer colonizador no meu comportamento como professora, que custou a perceber que uma atividade prazerosa poderia se tornar uma atividade laboral/docente. Assim, comecei a praticar, sem o saber ainda, a descolonização de minhas práticas docentes, implementando em meu cotidiano o que Joel Rufino trata como descolonização (2021, p. 5):

[...] atos paridos nos vazios daquilo que se arroga o único processo possível. Defesa, ataque, ginga de corpo, malandragem que contraria, esculhamba, rasura, transgride, desmente e destrona o modelo dominante. [...] O remédio para recuperar sonhos, firmar a liga, fechar o corpo, irmanar o velho e o novo que farão guarda de proteção à palmeira que sustenta a aldeia.

Se o corpo é fechado contra as intempéries do mau tempo conservador, aterrador e censor, por outro lado, ele se vê liberto nas imagens que, aparentemente, flanam pelos meios digitais.

Pesquisando a respeito de fotografia com celular, no intuito de criar a ementa de uma disciplina optativa para uma escola pública de tempo integral em Campo Grande (MS), me deparei com o termo mobgrafia. Ele despertou meu interesse em conhecer mais a respeito do que me pareceu um movimento cultural e artístico criado em torno de sua prática.

Por se tratar de um termo novo no meio acadêmico, encontrei poucos estudos que tratam da mobgrafia. Contudo, considerando os limites deste texto, preferi trabalhar com algumas proposições discutidas por Roberto Slovenski (2022) em sua tese de doutorado, intitulada *Da fotografia vernacular à mobgrafia: investigações de um fotógrafo*. Para ele,

O celular 'democratiza' a produção de fotografias, pois o ato de criar e contar uma história pode ser compartilhado pelas redes. A mobgrafia, mesmo que muitos ainda não saibam ou não usem a nomenclatura, é um movimento que provoca o questionamento sobre os conceitos da fotografia e estimula a produção de imagens. Porém, não garante, pois o ato criativo depende do olhar e do repertório do fotógrafo. (SLOVENSKI, 2022, p. 90).

No momento das avaliações das primeiras mobgrafias propostas nas minhas aulas de Arte, ainda em Campo Grande (MS), sugeriram algumas perguntas: o que podemos dizer por meio de uma mobgrafia? Quem olha para o que é dito em uma mobgrafia? Por que criar um novo termo se já existe a fotografia? Mobgrafia é arte ou é banalidade?

A mobgrafia, apesar de ser uma imagem eletrônica, busca, pela estética visual da fotografia analógica, a composição, o tratamento da imagem, a tentativa de mostrar aquilo que se vê e do que se pretende que seja visto. Ao fazer emergir visualidades e possibilidades enunciativas com a mobgrafia, percebi que os discursos imagéticos apresentavam temáticas complexas como: gênero, depressão, aceitação do corpo, morte e isolamento, por exemplo.

Slovenski cita Cartier-Bresson (*apud* 2022, p. 102) para problematizar o tema de uma fotografia como um momento de reflexão:

Como negar o tema? Ele se impõe. E porque existem temas em tudo o que se passa no mundo bem como no nosso universo mais pessoal, basta ser lúcido perante o que se passa e honesto face ao que sentimos. Situar-se, em suma, em relação ao que se percebe. O tema não consiste em coletar fotos, pois em si mesmos os fatos não oferecem interesse. O importante é escolher entre eles; captar o fato verdadeiro em relação à realidade profunda. Em fotografia, a menor das coisas pode ser um grande tema, o pequeno detalhe humano tornar-se um leitmotiv. Nós vemos e fazemos ver, numa espécie de testemunho, o mundo que nos circunda, e é o acontecimento por sua própria função que provoca o ritmo orgânico das formas.

Ainda que me preocupe com os temas, sei que a mobgrafia ganha destaque a partir do momento em que a câmera fotográfica é incorporada ao celular e o acesso à internet se torna mais facilitado. Com a possibilidade de compartilhamento de conteúdo individual na internet, o sujeito deixa de ser apenas espectador e passa a ser produtor de informações visuais que o tornam testemunha/partícipe das coisas do mundo.

Grosso modo, a mobgrafia é a documentação fotográfica do cotidiano, que é a sua fonte de inspiração e de emanção. Parafraseando John Berger (2017) quando trata da fotografia, a mobgrafia é a recordação de uma vida sendo vivida. A experiência estética de fazer fotos com o celular é expandida ao ser compartilhada nas redes sociais próprias para imagens, como o *Instagram*. Nessa expansão, a imagem torna-se interativa, com curtidas e com comentários de outras pessoas. Em uma de minhas experiências de interação, encontrei

Ederson (Dick) Arruda, um mobgrafista campo-grandense com mais de 40 mil seguidores no *Instagram* e conhecido nacionalmente pelo seu trabalho com a mobgrafia.

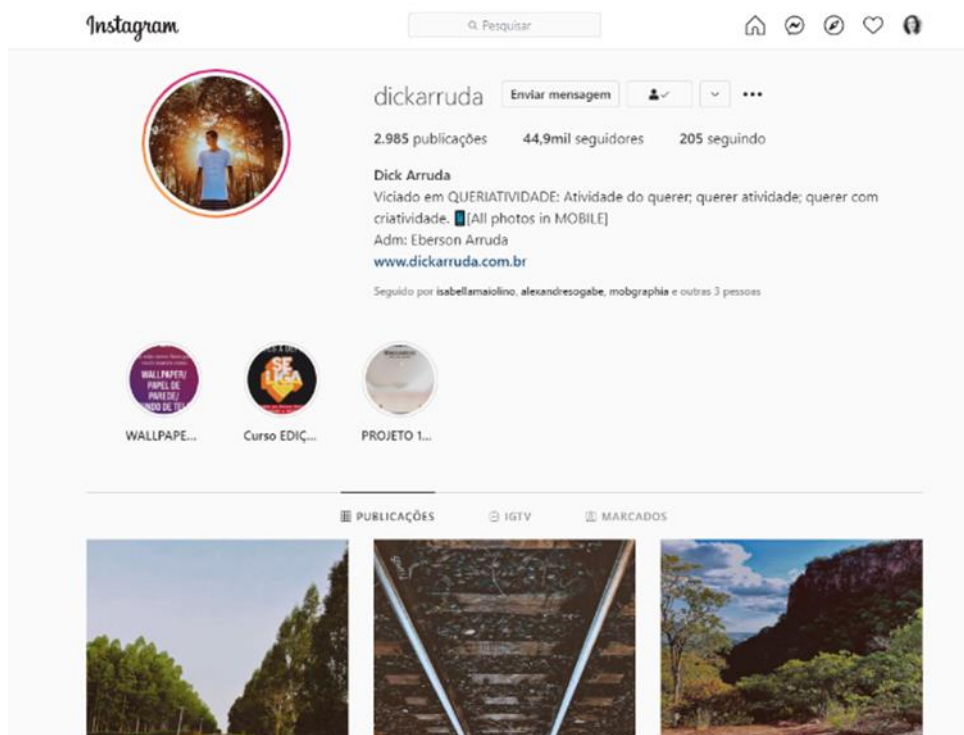


Figura 2 - Perfil do mobgrafista campo-grandense Dick Arruda.

Fonte: <https://www.instagram.com/dickarruda/> Acesso em: 10 jan. 2022.

Fazendo uso da própria rede social onde as mobgrafias são compartilhadas, entrei em contato com o artista/Dick, que de imediato se dispôs a conversar sobre o cotidiano de um mobgrafista com os estudantes para quem lecionava na época, ainda em Campo Grande (MS).



Figura 3 - Dick Arruda conversando sobre mobgrafia em uma aula de Arte. 2017

Fonte: registro da autora. Acervo pessoal, 2017.

Naquele momento, os/as estudantes tiveram a oportunidade de conhecer o artista, sua obra e seu processo criativo. A partir de então, a turma passou a produzir suas mobgrafias e ganhou notoriedade tanto no ambiente escolar quanto no meio digital.

Devido a algumas características próprias da mobgrafia, como: causar menos estranheza em quaisquer ambientes do que uma máquina fotográfica; o dispositivo fotográfico do celular está sempre disponível, o que faz com que seja possível fazer registros quando surgir uma ideia ou uma situação inspiradora; a facilidade no tratamento de imagens por meio dos aplicativos atualmente existentes (há uma gama de aplicativos que permitem editar uma imagem em poucos minutos); a facilidade para a publicação nas redes sociais digitais, ela tem se aproximado mais e mais dos sujeitos, especialmente dos/as jovens.

Encontrei uma comunidade, via um grupo do *Telegram*,² no início de minhas investigações e desde então os membros da comunidade têm

² *Telegram*: serviço de mensagens instantâneas disponível em *smartphones* e *tablets*. similar ao *whatsapp*.

contribuído com debates e com a divulgação das atividades de aprendizagem que venho desenvolvendo com a mobgrafia no ambiente escolar.

James Dantas, o idealizador daquela comunidade, fez uma palestra para os participantes do Clube de Mobgrafia de Jardim³ (MS), criado em 2018. Dantas é fotógrafo e vive em Penedo, uma cidade no interior de Alagoas. Apesar da distância geográfica, notei muitas aproximações entre a Comunidade Mobgrafando e o Clube de Mobgrafia de Jardim, pois ambos são movimentos que surgiram em cidades pequenas e no interior do País, evidenciando as possibilidades criadas pelo ambiente virtual.

Após esse primeiro contato, fui convidada para fazer um dos episódios do *mobcast*, um *podcast* informal em que conversamos sobre minha trajetória com a mobgrafia, tanto como artista quanto como professora. Desde então, o Clube de Mobgrafia de Jardim entrou oficialmente no movimento cultural da mobgrafia.

Sendo assim, penso que a relevância de minhas investigações seja acadêmica, porque problematiza a mobgrafia no universo da pesquisa universitária; profissional, porque contribui com a formação continuada, produzindo novos conhecimentos por meio do ensino ativo e participativo; e social, porque dá voz para quem está fora do ambiente acadêmico.

Em se tratando das práticas artísticas da pós-produção – termo apresentado por Bourriaud em seu livro *Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo* –, é possível relacioná-las à mobgrafia no sentido de que é a “[...] vontade de inscrever a obra de arte numa rede de signos e significações (o cotidiano), em vez de considerá-la como forma autônoma ou original” (BOURRIAUD, 2009, p.13). O conceito de pós-produção contribui na

³ No *Facebook*, o grupo apresenta-se como “[...] um clube de fotografia com celular em busca de experiências estéticas”. No *Instagram*, há a seguinte chamada: “Galeria virtual do Clube de Mobgrafia - IFMS JD. Use nossa tag [#mobclubjd](#). ADM do clube: [@rchivalski](#). Aprecie sem moderação!!” (disponível em: <https://www.instagram.com/clubemobgrafia/>).

compreensão dos discursos da mobgrafia que circulam nas redes sociais de fotografia, principalmente, no *Instagram*.

O atestado de presença da fotografia (BERGER, 2017) é um contrato social que garante a noção de evidência da fotografia, que é rompido pela pós-fotografia, pois a verdade agora é uma opção e não uma obrigação. Ao fotografar, me permito esquecer, afinal o registro está a salvo em uma memória auxiliar e não precisa ficar na minha memória principal.



Figura 4 - Visitantes do Museu do Louvre fotografando a Monalisa, 2020.

Fonte: <https://gpslifetime.com.br/conteudo/entretenimento/arte/80/pos-pandemia-visita-a-mona-lisa-sera-mais-intimista-entenda>. Acesso em: 3 ago. 2022.

De acordo com Fontcurebeta (2016), a inteligência artificial gerencia melhor a memória, contudo ela não cria as memórias. Uma máquina sem memória não tem identidade. A câmera fotográfica tem funcionado como uma

prótese da memória biológica, transformando nossa relação com a memória, reduzindo a memória ao simples acesso à informação, quando a memória é uma interpretação de uma experiência do passado e nunca é neutra, como aparentemente é a informação.

Berger (2017) contribui para esse debate, sustentando a ideia de que a fotografia não é uma interpretação do real, mas sim um vestígio de memória do que aconteceu. Dessa forma, a diferença entre o olho humano e a câmera fotográfica é que a câmera preserva a imagem de um evento, porém é o olho humano que registra na memória do indivíduo os significados da fotografia.

Sendo assim, posso especular que uma das funções sociais da mobgrafia é seu caráter inclusivo, permitindo o reconhecimento da diversidade de aspectos locais e comportamentais. A mobgrafia é uma narrativa digital política de sujeitos que vivem e produzem sentidos pelas imagens digitais. Ao selecionar o que será registrado na fotografia, o sujeito também narra/revela aquilo que ele deixou de registrar, pelas mais diferentes razões e inflexões.

Reitero que as regularidades discursivas da mobgrafia emergem de dois fatores: 1. a popularização das câmeras fotográficas inseridas nos aparelhos celulares; e 2. a conectividade dos conteúdos digitais, em decorrência da democratização do acesso à internet. É nesse segundo fator que a mobgrafia aparece com mais regularidade e se dissemina entre dois grupos de indivíduos: 1. fotógrafos publicitários, que encontraram nas câmeras de celulares um meio de expressão fotográfica sem preocupações com o mercado publicitário; e 2. fotógrafos amadores, em sua maioria jovens e adolescentes, que veem nas câmeras de celulares uma oportunidade de se expressarem artisticamente e também como forma de entrar no mercado fotográfico e no universo dos influenciadores/as digitais. Esses dois grupos, que caminham em direções opostas, cruzam seus caminhos ao compartilhar suas experiências estéticas com

a mobgrafia na rede social *Instagram*, através de *hashtags* como: #mobgraphia, #mobgrafando e #mobgrafiabrasil.

Tendo em vista as reflexões expostas até agora, penso que o ensino de Arte no ambiente escolar tem como finalidade possibilitar ao/à estudante a participação em práticas diversificadas que lhe permitam ampliar suas capacidades expressivas não somente em manifestações artísticas, mas também na sua formação como cidadãos/ãs.

REFERÊNCIAS

BERGER, John. *Para entender uma fotografia*. Tradução Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BORRIAUD, Nicolas. *Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FONTCURBETA, Joan. *La fúria de las imágenes: notas sobre la postfotografía*. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2016.

RUFINO, Luiz. *Vence-demanda: educação e descolonização*. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

SLOVENSKI, Roberto. *Da fotografia vernacular à mobgrafia: investigações de um fotógrafo*. 2022. 142p. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2022.

Recebido em 15/10/2022.

Aceito em 25/11/2022.